

SONS DA NATUREZA

Bárbara Luiza



HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS

Ligado ao distrito de Monsenhor Horta, um dos 9 distritos da cidade de Mariana, o subdistrito de Paracatu de Baixo dista aproximadamente 50 km de Bento Rodrigues, está no localizado no quadrilátero ferrífero, protegido pela Serra do Caraça, apresentando evidências do grande aquífero que caracteriza a região, como cachoeiras e nascentes.

Com população de aproximadamente 300 habitantes que viviam da agricultura familiar, cultivo de feijão, milho, hortaliças e criação de porcos e galinhas. Para Caldas (2017) o Rio Gualaxo do Norte articulava o espaço urbano do distrito, bem como a relação da população com o tempo, assim como a estrada que corta o subdistrito, a igreja de Santo Antônio, o campo de futebol e a escola construída para ensino infantil e fundamental.

Os ciclos agrícolas e do rio Gualaxo do Norte classificavam as atividades diárias (...) faltam-lhes os quintais e as hortas, os parentes que eram vizinhos, muitos com casas no mesmo terreno; a criação de porcos e galinhas; a cachoeira do rio Gualaxo do Norte (...) (Marcurio, 2020, p. 05)

Enquanto a população de Bento Rodrigues convivia diariamente com turistas, com a rotina do trabalho nas áreas urbanas e, por isso, mostram-se abertos e receptivos aos estranhos (pesquisadores, técnicos, jornalistas), a população de Paracatu de Baixo vivia com modos e meios simples e isolados, até mesmo pela dificuldade de se chegar ao vilarejo. Com isso, são poucos os relatos encontrados sobre as memórias e afetividades do grupo.

Logo nos primeiros contatos pudemos perceber a nítida diferença entre as comunidades afetadas e a grande vulnerabilidade social de Paracatu de Baixo. A simplicidade de modos, o fato de serem predominantemente negros, de terem suas reuniões semanais sempre tumultuadas, porém, abertas aos que vinham de fora participar. (Neves, 2018, p. 07)

Observa-se nos achados que as lembranças a cerca dos sons da natureza estão associados aos afazeres diários: trabalhar na roça, brincadeiras das crianças subindo em árvores, os ciclos do Rio Gualaxo do Norte, as nascentes e cachoeiras. A ausência da horta, do jardim, do quintal desde que estão na área urbana, também é recorrente nos relatos dos atingidos.

Ah a relação que agente tinha com o rio era muito forte. A vida inteira nossa foi tomando banho lá, pescando. E era o lugar onde o gado matava a cede. A gente também tinha plantação na beira do rio, planta milho, feijão e ainda fazia telha e tijolo na nascente... a natureza trás coisa boa demais para mim...” (CARNEIRO, 2018, p. 10)

‘Em minha memória sinto o cheiro do mato pisado e repisado da vivência de todos os dias. Sem esforço ouço o riso de nossas crianças subindo nas árvores. Desce daí menino você vai cair’. É curioso que não se via as crianças, elas estavam no meio das árvores. Só se ouvia as conversas e risadas delas disputando as sementes... como eram alegres” (PEIXOTO; TRÓPIA, 2016, p. 03)

A fauna e flora de Paracatu de Baixo é característica do Cerrado e da Mata Atlântica, por se localizar em uma área de transição entre esses biomas, apresentando vasta biodiversidade, com aves, mamíferos e vegetação típicos dessa região. São comuns os relatos dos moradores mencionando as árvores frutíferas. Neves (2018) observa que as características dos moradores de Paracatu de Baixo e o cenário que encontraram em Mariana, faz com que a memória de Paracatu surja como refúgio para “tardes fagueiras à sombra de mangueiras, jabuticabeiras e ameixeiras a levar longos, quase intermináveis, dedos de prosa”.

Atrás de onde ficava sua casa resiste uma frondosa mangueira de copa bem avultada, hoje fácil de subir devido ao soterramento provocado pela lama, carregadinha das miúdas, manga Ubá, gostosa e sem linha. (Neves, 2018, p. 18)

A lembrança do dia do rompimento está viva na memória dos moradores que narram suas percepções desse dia ao jornal A Sirene:

‘o barulho da madeira quebrando. A destruição chegou à comunidade. Tudo foi destruído, casa igreja, escola. Angústia. Sons de destruição’ (PEIXOTO; TRÓPIA, 2016, p. 15)

Eu acredito que a lama deve fazer mal para as pessoas sim, porque até os pés de árvore já matou tudo (sic)” Sr, Paschoal morador de Paracatu de Baixo por 40 anos. Volta diariamente à sua casa para alimentar porcos e galinhas. (CALDAS, 2017, p. 139)

Referências bibliográficas

CALDAS, Graça (org). Vozes e Silenciamentos em Mariana: Crime ou Desastre ambiental. 2ª Ed. Campinas – SP, BCCL/UNICAMP, 2017, 352p. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf

MERCURIO, Gabriela de Paula. A rotina extraordinária da comunidade de Paracatu de Baixo (MG) após o rompimento da barragem de Fundão. Equatorial-Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 7, n. 13, p. 1-23, 2020.

DE LIMA, Gabriela Neves; OLIVEIRA, Eduardo Gontijo. COZINHA, CAFÉ, PROSA E CUIDADO: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres da comunidade atingida de Paracatu de Baixo, Mariana. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 6, n. 2, p. 76, 2018

CARNEIRO, Lia Mol. Gualaxo. Jornal A Sirene. Ed. 27, junho de 2018. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/junho_2018_issuu_A_Sirene_Ed.27_junho/2018

PEIXOTO, Angélica; TRÓPIA, Fernanda. Um ano sem “la fora”. Ed. 8. Nov de 2016. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/asirene_ed9_novembro_issu_A_Sirene_Ed.8_novembro/2016